

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra



Editorial

Toda e qualquer instituição, organização, associação ou grupo, independentemente do seu objecto, objectivo e área de intervenção, são regidos por um estatuto próprio que mais não querem que conformar os que delas dependem com o seu fim último para o qual foram constituídos. Há normas de conduta e comportamentos a serem vivenciados que, por eles, nos fazem perceber a que se pertence; mas não basta uma mera inscrição, ou o devido pagamento de cotas e demais subscrições para que, em boa verdade, sejamos efectiva e afectivamente seus membros activos. Faz-me lembrar certas listas de sócios de umas tantas instituições, onde figuram pessoas há muito inscritas como “sócios” efectivos no “reino das almas”; os sócios e “fantasmas” que, apesar da ausência eterna sempre engrossam a lista nem que seja para fins de subsídios ou estatísticos! Para muitos, quantos mais melhor! A eterna questão da quantidade em detrimento da qualidade.

Não basta dizer-se que pertencemos ao clube A ou B: é preciso vestir a camisola e dar o corpo ao manifesto: o verdadeiro jogador não é o que fica no banco mas o que entra em campo dando tudo por tudo para que a vitória seja concretizada. Mais que adeptos e simpatizantes é preciso jogadores e jogadores que, não só pela habilidade ou agilidade, mas sobretudo pelo treino, sejam capazes de fazer vingar o “nome” que ostentam.

E o que nos distinguirá, como Igreja, daqueles que Dela se excluem ou com Ela não se identificam? O que nos distingue e identifica, em verdade, como cristãos?

Julgamo-nos cristãos porque, meramente, acreditamos em Cristo. E mais: julgamo-nos cristãos porque um dia fomos baptizados, fizemos a catequese, celebramos a Primeira Comunhão, o Crisma ou casamos na Igreja. Julgamo-nos cristãos porque, volta e meia até vamos à missa, fazemos umas festas e, de vez quando, lembramo-nos de Deus como quem se lembra de Santa Bárbara em dia de trovões! “Nisto conhecerão que sois meus discípulos”, diz-nos o Mestre: “se vos amardes uns aos outros”.

Aqui reside a nossa perfeição enquanto cristãos, membros deste povo feito Igreja: ser misericordiosos como o Pai é misericordioso! Normalmente amamos quem julgamos ser merecedor do nosso amor: a lógica do cristão é amar, como Jesus, não quem merece mas sim quem precisa! Amar o não amável! Perdoar o não perdoável! Acolher sem julgar e aceitar sem condenar! É preciso suar a camisola!

Existem três tipos de pessoas: os bons, os maus e os filhos de Deus. Os bons pagam o bem com o bem! Os maus pagam o bem com o mal e os filhos de Deus pagam o mal com o bem.

Onde nos posicionamos? A diferença está mesmo aqui! É este o nosso “emblema”.

Pe. Norberto Brum,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

EM DESTAQUE

JMJ Lisboa 2022 com cunho ecuménico

O presidente da Comissão Episcopal Laicado e Família, da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Joaquim Mendes, quer “alargar” a participação na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) 2022, a decorrer em Lisboa, a jovens de outras religiões e mesmo a não crentes: “Queremos alargar a participação não só aos católicos mas também aos não crentes, aos jovens de outras confissões religiosas. É um acontecimento com dimensão universal, ecuménico e inter-religioso”, afirmou.

D. Joaquim Mendes recorda a experiência vivida em Janeiro, no Panamá, onde “também os judeus, muçulmanos e budistas participaram e abriram os



seus espaços para acolher os jovens. Queremos que seja um acontecimento que envolva e chegue a todos”, sublinhou o responsável.

O comité organizador já tem em mãos um dossier com as orientações para a realização daquelas Jornadas em Portugal, contudo os bispos de Portugal querem “auscultar os jovens sobre a JMJ”, sobre “o que imaginam e esperam”, refere D. Joaquim Mendes. “Queremos que percebam que isto lhes diz respeito e que se têm de envolver, que se entusiasmem e se impliquem no processo de construção das Jornadas”, acrescenta.

É a primeira vez que Portugal acolhe uma Jornada Mundial da Juventude.

“Não queremos que a JMJ não seja um evento de pastoral de micro-ondas, mas que seja um acontecimento preparado em lume brando, de envolvimento e participação, num processo de envolvimento e corresponsabilidade de fazer coisas em Igreja para e com os outros”, conclui D. Joaquim Mendes.



PALAVRA DO DOMINGO

VII DOMINGO DO TEMPO COMUM Ano C

1ª Leitura
1 Samuel 26,2.7-9.12-13.22-23

«O Senhor entregou-te nas minhas mãos, mas eu não quis atentar contra ti»

2ª Leitura
1 Coríntios 15,45-49
«Assim como trazemos em nós a imagem do homem terreno, procuremos também trazer em nós a imagem do homem celeste»

Evangelho
São Lucas 6,27-38
«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»

A Palavra de Deus deste Domingo exige-nos o amor total, o amor sem limites, mesmo, e sobretudo, para com os nossos inimigos. Ela convida-nos a pôr de lado a lógica da violência e a substituí-la pela lógica do amor.

Na primeira leitura é-nos apresentado o exemplo concreto de um



homem de coração magnânimo (David) que, tendo a possibilidade de eliminar o seu inimigo, escolhe o perdão.

O Evangelho reforça esta proposta. Exige dos seguidores de Jesus um coração sempre disponível para perdoar, para acolher, para dar a mão, independentemente de quem esteja do outro lado. Não se trata de amar apenas os membros do próprio grupo social, da própria raça, do próprio povo, da própria classe, partido, igreja ou clube de

futebol; trata-se de um amor sem discriminações, que nos leve a ver em cada homem – mesmo no inimigo – um nosso irmão.

A nossa força e a nossa coragem manifestam-se, precisamente, na capacidade de inverter a lógica da violência e do orgulho e de estender a mão a quem nos magoou e ofendeu. O cristão não pode recorrer às armas, à violência, à mentira, à vingança para resolver qualquer situação de injustiça que o atingiu. Esta é a lógica dos seguidores de Jesus, desse que morreu pedindo ao Pai perdão para os seus assassinos.

A segunda leitura continua a catequese iniciada há uns domingos atrás sobre a ressurreição. Podemos ligá-la com o tema central da Palavra de Deus deste Domingo – o amor aos inimigos – dizendo que é na lógica do amor que preparamos essa vida plena que Deus nos reserva; e que o amor vivido com radicalidade e sem limitações é um anúncio desse mundo novo que nos espera para além desta terra.

DIALOGANDO...

Sejamos empáticos e não simpáticos

Olá amigos de cada Domingo! Desejamos que estejam bem.

Olá. Que bom regressarmos às nossas conversas. Estou aqui com uma dúvida... Recentemente falei com uma amiga da ilha do Faial que participou num dos encontros das I Jornadas Diocesanas de Pastoral Juvenil e ela falou-me muito de “empatia” e “simpatia”. Fiquei curioso. Será que podíamos dialogar um pouco sobre isso?

Ah! Muito bem. Claro que podemos dialogar sobre isso. Nos nossos encontros temos vindo a falar muito da necessidade de sermos verdadeiramente mais empáticos uns com os outros, para que a Igreja, e nós próprios, sejamos mais acolhedores. Aliás, nas conclusões do Congresso dos Jovens eles pedem uma Igreja mais acolhedora.

Sim. Mas, simpatia não é a mesma coisa que empatia?

Não senhor. São realidades distintas: a simpatia é uma reposta intelectual e manifesta-se na vontade de estar com determinada pessoa enquanto a empatia é uma resposta psicológica e manifesta-se na vontade de compreender e conhecer a outra pessoa.

Pois. Na “simpatia” a atenção recai sobre nós enquanto na “empatia” a atenção vai todo dirigida para o outro!

Isso mesmo. É preciso “sairmos” de nós mesmos e irmos ao encontro do outro, canalizar a nossa atenção para o outro, acolhendo-o sem julgar e aceitando-o sem condenar.

E como podemos ser verdadeiramente empáticos ou que características deve ter a “empatia”?

Para sermos verdadeiramente empáticos, precisamos de adoptar quatro comportamentos fundamentais.

E quais são eles?

Precisamos ver o mundo com os olhos do outro,



compreender as suas emoções e sentimentos, comunicar sempre com compreensão e não julgamento e apreciar o outro como um ser humano, que erra, tem limitações e sofre.

Maravilhoso! O ser humano é naturalmente bom, contudo há que promover boas relações.

Exacto. E para promovermos boas relações temos a possibilidade de sermos empáticos, aceitar o outro positiva e incondicionalmente, e sermos congruentes e genuínos.

E tudo isto leva-nos, sem dúvida, à compaixão!

Não tenhas dúvida, amigo! Mas a compaixão implica estarmos abertos ao sofrimento pessoal do outro, assumir uma postura não-defensiva e sem julgar, o desejo de aliviarmos o sofrimento do outro e compreender as causas do seu sofrimento e comportamentos.

De facto, cada vez mais carecemos de enveredar por outros caminhos onde a “empatia” e a “compaixão” estejam bem presentes em nós e no mundo!

Por isso mesmo, porque sentimos a necessidade de operar a mudança de comportamentos e atitudes face aos outros é que temos vindo a insistir nos nossos encontros nestas realidades.

Muito bem. Agora percebo um pouco mais e melhor o que a minha amiga do Faial partilhou comigo!

Este nosso espaço também serve para isso, amigo! E sempre que alguém queira que partilhemos aqui alguma ideia ou abordemos um determinado assunto é só nos fazerem chegar a proposta.

Foi tão rico este nosso diálogo! Obrigado pela tua disponibilidade!

Nada a agradecer. Estamos aqui para isso. Até para a semana...

EM ORAÇÃO

SE TE TOMÁSSEMOS A SÉRIO, JESUS

Se adoptássemos a Tua forma de viver, Jesus, tudo seria diferente. Começaríamos por nos querermos a nós mesmos, Com esse amor cego com que Deus nos quer. Acreditariamos nas nossas possibilidades e potências interiores E poríamos em marcha todos os nossos recursos. Queríamos também todas as pessoas, Descobriríamos o valor oculto que todas têm E a grande obra que o Senhor criou nelas.

Amaríamos os nossos inimigos E todos os que nos causam danos, Porque perdoariamos como Tu, Pai, Até setenta vezes sete, quer dizer, sempre e tudo, Limpando a nossa mente de lembranças e ressentimentos.

Teríamos um coração compassivo e misericordioso como o Teu, Sensível à dor dos humanos, atento às suas necessidades. Não perderíamos o tempo em maledicências nem em juízos de próximo, Senão que desculparíamos sempre e aceitaríamos tudo. Viveríamos o Amor em todos os momentos e relações, Sendo provocadores de encontros e amizade, De companheirismo e fraternidade à nossa volta.

Se vivéssemos como nos ensinaste, Jesus, Não andariamos nunca preocupados e aflitos, Deixávamo-nos acalmar por Ti E escolheríamos sempre da vida a melhor parte, Que é a de viver na Tua companhia Com o Teu apoio e o Teu Espírito. Obrigado, Senhor.

In: *Apalavra do Domingo* – Álvaro Ginel, Mari Patxi Ayerra (Edições Salesianas)

PRÓXIMOS EVENTOS...

... para anotar e participar!

06 de Março
Quarta-feira de Cinzas
- Início da Quaresma

09 de Março
Início das Romarias Quaresmais
São Miguel

10 de Março
I Domingo da Quaresma

16 de Março
Encontro do Prê-Seminário
Centro Pastoral Pio XII
Ilha de São Miguel

**JORNADAS DIOCESANAS
SÃO MIGUEL:**

8 de Março
Nordeste/Fenais de Vera Cruz
Local: Salão da Salga
Hora: 20h00

11 de Março
Povoação
Local: Auditório da Povoação
Hora: 20h30

20 de Março
Lagoa/Vila Franca do Campo
Local: Igreja da Ribeira Chã
Hora: 20h30

27 de Março
Capelas
Local: Igreja de Santo António
Hora: 20h00

2 de Abril
Ponta Delgada
Local: Igreja de São Roque
Hora: 20h30

4 de Abril
Ribeira Grande
Local: Salão da Matriz
Hora: 20h00

SDAPJ
.....
Serviço Diocesano de Apoio
à Pastoral Juvenil - Diocese de Angra

pjacores.geral@gmail.com